# Capítulo I — Razão deste escrito

## I

Numerosos como os átomos do ar, funestos como os miasmas dos pântanos pestilentos, erros de toda espécie circulam pela Europa moderna. Salvo nos piores dias do antigo paganismo, nada semelhante jamais se viu.

Esses erros alcançam hoje a sua última fórmula. Racionalismo, panteísmo, materialismo, ateísmo, naturalismo, cesarismo, sensualismo, positivismo, socialismo, solidarismo, espiritismo: só o nome deles já espanta.

## II

Com uma atividade sem exemplo, a palavra, as artes e a imprensa os propagam. Esses prodigiosos meios de comunicação, desconhecidos dos séculos anteriores ao nosso, parecem ter sido inventados apenas para lhes servir de veículos mais variados e mais rápidos. Cada tarde, mil carros de fogo partem de Paris, de Londres, de Viena, de Berlim, das grandes capitais e até das pequenas, levando carregamentos de doutrinas envenenadas, que depositam em todos os lugares por onde passam.

## III

No dia seguinte, sob todas as formas — livros, jornais, revistas, peças de teatro, panfletos, brochuras, canções, gravuras —, todos esses produtos de cérebros delirantes caem sobre a Europa, como nuvens de gafanhotos devastadores sobre o solo africano. Algumas horas depois, penetraram por toda parte. Encontrai-os no salão do rico e na portaria do porteiro; nos cafés, nas tavernas, nas oficinas, até o fundo dos campos, sob o colmo do lavrador, destilando seu veneno nas almas e tornando-se o Evangelho dos povos.

## IV

Dessa propaganda universal e incessante, quais são os resultados? A vista do que se passa os manifesta em parte. Que se passa? Os efeitos da aguardente sobre o selvagem, esses monstruosos erros os produzem sobre o civilizado. Fora do catolicismo, o homem atual não se conhece mais. Não sabe nem o que é, nem de onde vem, nem para onde vai. Não sabe nem orientar-se, nem manter-se firme no caminho do justo e do verdadeiro; nem mandar, nem obedecer, nem amar, nem rezar, nem sofrer, nem morrer.

# V

Sem forças para afirmar coisa alguma, negar é toda a sua ciência. Hoje ele nega tudo: nega Deus; nega a Providência; nega a Bíblia; nega Jesus Cristo; nega a Igreja; nega o Papa; nega a alma; nega o direito; nega a autoridade; nega a propriedade; nega a família; nega a distinção essencial entre o bem e o mal; nega o presente; nega o futuro; nega a si mesmo.

# VI

É em tal abalo de toda crença; no meio dessa confusão de Babel e das trevas assustadoras de uma noite cada vez mais espessa; através dessa saraivada incessante de dardos inflamados; no seio dessa atmosfera profundamente corrompida; entre tantas deserções escandalosas; numa época, enfim, em que Satanás, com um conjunto, uma ciência e um vigor sem exemplo, lança todos os seus aríetes contra o cristianismo e parece preparar uma nova queda da humanidade: é em semelhante meio que deve viver o cristão do século XIX.

# VII

Viver, para o cristão, é conservar a sua fé íntegra, inabalável, operante.

Como realizará ele esse milagre?

Fechando os olhos para nada ver, os ouvidos para nada ouvir? Impossível.

Refutando um a um, de palavra ou de pensamento, os inúmeros erros que o assediam e que a cada dia mudam de máscara? Impossível.

# VIII

Essa situação, é preciso reconhecê-lo, causa medo e compaixão.

Medo e compaixão, antes de tudo, pelas novas gerações que, não podendo comparar o presente ao passado, adormecem sem desconfiança na ideia de que o mundo está em seu estado normal e de que os perigos de hoje não são nem maiores nem mais numerosos que os perigos de ontem.

Medo e compaixão pelo cristão pouco instruído nas coisas religiosas e todo absorvido pelas preocupações terrenas.

Medo e compaixão por todos, porque, segundo aparências demasiado sólidas, o que vemos não é senão o começo das dores.

# IX

Que fazer para salvar os que ainda querem ser salvos?

Proporcionar-lhes um refúgio: um refúgio seguro e aberto a todos; um escudo fácil de carregar e à prova das melhores armas do inimigo; uma âncora de misericórdia que mantenha imóvel a sua barca em meio às ondas agitadas e a preserve do terrível naufrágio em que tantos outros perecem e perecerão.

Salvo engano, não é um tal serviço, hoje, a primeira das esmolas, a mais urgente das necessidades?

# X

Qual será esse refúgio, esse escudo, essa âncora de salvação? O raciocínio?

Não.

Num século em que o sofisma é rei, o raciocínio não tem valor algum, ou pouco. Com o bisturi numa das mãos e o apagador na outra, o primeiro sofista que aparece ataca os argumentos mais sólidos. Obscurece-os, disseca-os, desnatura-os, ilude-os e acaba por entregá-los à zombaria da multidão, ignorante ou letrada.

Que é preciso, então?

Fatos?

De que natureza?

Fatos que, de um lado, ofereçam um ponto de apoio inexpugnável ao cristão assaltado pela dúvida e que, de outro, encerrem o campeão do erro num círculo de ferro, do qual só possa sair por duas saídas: a FÉ ou a LOUCURA.

# XI

Em vez de muitos, entende-se que o melhor seria ter apenas alguns fatos. Um só, se pudesse bastar, seria a perfeição.

Ora, esse fato existe; e sobre esse único fato repousa imóvel, como a cidadela edificada sobre a rocha, o Credo do cristão.

Imenso, ele enche o mundo e se impõe por si mesmo à fé da humanidade.

Luminoso como o sol, não exige, para ser compreendido, nem raciocínio, nem estudo, nem fadiga: pede apenas olhos.

Inflexível como um axioma de geometria, não deixa subterfúgio algum ao erro.

Inabalável como as pirâmides do deserto, é uma fortaleza de onde a jovem cristã de quinze anos pode desafiar todos os ataques do sofisma, qualquer que seja o cérebro que o engendra, os lábios que o exprimem ou a mão que o escreve.

Temível como um exército disposto em ordem de batalha, foi sempre, é ainda e será eternamente o pesadelo do incrédulo.

Qual é esse fato?

Vamos dizê-lo.

---

Revision #1
Created 22 November 2026 12:49:31 by Admin
Updated 22 November 2026 15:38:03 by Admin